

DOI: 10.12957/transversos.2024.81601

TRILHANDO A HISTÓRIA INTELECTUAL: UM MAPEAMENTO DAS
PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DE AMÍLCAR CABRAL E ANÁLISE DE SUAS
PRIMEIRAS BIOGRAFIAS

TRACING INTELLECTUAL HISTORY: A MAPPING OF AMÍLCAR
CABRAL'S SCIENTIFIC PRODUCTIONS AND ANALYSIS OF HIS EARLY
BIOGRAPHIES

Rubilson Velho Delcano

Universidade Federal do Maranhão

rubilson.delcano@ufma.br

Milca Salem dos Santos Silva

Universidade Federal do Maranhão

salemmilca@gmail.com

Resumo:

Amílcar Cabral, destacado intelectual, líder político e teórico revolucionário, desempenhou um papel crucial nas lutas pela independência na África, notadamente nas colônias portuguesas. Nascido em 1924 na Guiné-Bissau, emergiu como figura central no movimento de libertação africano no século XX. Reconhecido por sua eloquência, visão política e compromisso social, Cabral tornou-se o arquiteto intelectual da luta pela liberdade em Guiné-Bissau e Cabo Verde. Sua teoria inovadora da "luta de classes aplicada à realidade colonial" influenciou movimentos de libertação e a teoria política contemporânea. Este artigo propõe um mapeamento abrangente das produções científicas dedicadas a Amílcar Cabral, visando compreender seu legado intelectual e impacto na história e pensamento político africanos, incluindo uma análise aprofundada de suas primeiras biografias e como estas contribuíram para a construção da narrativa sobre sua vida e obra.

Palavras-chave: Amílcar Cabral; panafricanista; pensamento cabralino; biografias.

Abstract

Amílcar Cabral, a prominent intellectual, political leader, and revolutionary theorist, played a crucial role in the struggles for independence in Africa, particularly in the Portuguese colonies. Born in 1924 in Guinea-Bissau, he emerged as a central figure in the African liberation movement in the mid-20th century. Recognized for his eloquence, political vision, and commitment to social justice, Cabral became the intellectual architect of the fight for freedom in Guinea-Bissau and Cape Verde. His innovative theory of "class struggle applied to colonial reality" not only inspired liberation movements across Africa but also deeply influenced contemporary political theory. This article aims to comprehensively map scientific productions dedicated to Amílcar Cabral, seeking to understand his intellectual legacy and lasting impact on African history and political thought, including an in-depth analysis of his early biographies and how these contributed to shaping the narrative of his life and work.

Keywords: Amílcar Cabral; Pan-Africanist; Cabralian thought; Biographies.

1. Introdução

Do vasto horizonte do seu pensamento intelectual panafricanista, Amílcar Cabral - um destacado intelectual, líder político e teórico revolucionário, que desempenhou um papel crucial nas lutas pela independência e emancipação nacional na África, especialmente nas então colônias portuguesas - tem sido lembrado cada vez mais como uma figura representante dos caminhos da resistência, autodeterminação e liberdade dos povos subjugados/oprimidos. Suas ideias sobre a emancipação dos povos africanos, sua abordagem singular à guerrilha como instrumento de libertação e sua visão intransigente sobre a necessidade de uma agricultura que dialogue de forma sustentável com a industrialização para sustentar uma verdadeira independência política, econômica e sociocultural, são pilares que justificam até hoje o esforço de muitos(as) pesquisadores(as) em mapear e divulgar o seu pensamento.

No presente artigo, propomos mapear e apresentar essas vastas contribuições intelectuais de Amílcar Cabral para as teorias política, econômica e sociocultural, bem como explorar e problematizar os trabalhos iniciais que se debruçaram sobre sua vida e o seu legado. Demonstraremos, desta forma, como Amílcar Cabral, engenheiro agrônomo e panafricanista, ergueu-se como uma liderança revolucionária e intelectual na luta pela emancipação do continente africano e, conseqüentemente, pela dignificação dos povos africanos - especialmente os povos da Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Por outro lado, estruturalmente falando, insta salientar que optamos por sistematizar e apresentar somente aquelas obras de Amílcar Cabral publicadas e disponíveis em diversos arquivos históricos, sites da internet e editoras independentes, indicados no texto e/ou nas notas de rodapé. É um exercício que abrange uma ampla gama de fontes, incluindo livros, artigos, discursos e correspondências que asseguram que a pesquisa tenha uma amplitude significativa, abordando a diversidade de contribuições de Cabral para o pensamento africano e global. Sendo certo esclarecer desde já que não foi possível identificar muitas outras edições, quer pelo carácter clandestino de que algumas delas se revestiram em diversos países, quer por ausência de informações suficientes.

Destarte, nas linhas que se seguem, apresentaremos primeiramente as produções intelectuais de Amílcar Cabral enquanto esforço de contribuição para a divulgação das suas obras originais no Brasil. Depois, em segundo momento, discutiremos como parte dessas obras foram (ou vêm sendo) compreendidas de forma desigual pela bibliografia especializada, valendo,

portanto, uma avaliação e revisão crítica. O nosso recorte de análise se restringe as obras de Amílcar Cabral e outras sobre si produzidas a partir de 1969 a 1982, isto se deve ao nosso interesse em compreender o impacto do seu pensamento durante os últimos anos da sua vida e, também, logo após o período que marca as independências das ex-colônias portuguesas na África.

2. Das produções autorais publicadas de Amílcar Cabral.

É importante começar por esclarecer que durante este esforço de mapeamento e cartografia das obras publicadas de Amílcar Cabral, decidimos seguir uma divisão metodológica que lista essas referidas produções cabralinas em duas categorias linguísticas, quais sejam: língua portuguesa e idiomas estrangeiros.

Em relação às obras de Amílcar Cabral publicadas em português, sem esquecer da sua referida monografia de conclusão de curso de agronomia e outras produções da sua época de estudante, faz-se necessário mencionar as seguintes:

“Textos políticos. Lisboa: Maria da Fonte, 1974”; “Análise de alguns tipos de resistência, Lisboa: Seara Nova, 1974”; “Alguns princípios do partido, Lisboa: Seara Nova, 1974”; “PAIGC: unidade e luta. Lisboa: Nova Aurora, 1974”; “Textos políticos de Amílcar Cabral. Coimbra: Ministério da Educação e Investigação Científica, 1976”; “Unidade e luta: I - A arma da teoria; II - As práticas revolucionárias, Lisboa: Seara Nova, 1976-1977”; “Análise de alguns tipos de resistência. Imprensa Nacional, Bolama, 1979”; “Estudos agrários de Amílcar Cabral, Lisboa: IICT - Instituto de Investigação Científica Tropical / Bissau: INEP-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1988”; “Nacionalismo e cultura, Santiago de Compostela: Laivento, 1999”; “Amílcar Cabral, sou um simples africano, Fundação Mário Soares, 2000”; “Amílcar Cabral - Documentário, Apresentação de António E. Duarte Silva, Edições Cotovia, Lisboa, 2008”; “Unidade e luta I - A arma da teoria; II - A prática revolucionária, Praia: Fundação Amílcar Cabral, 2013”; “Pensar para melhor agir (intervenções no seminário de quadros, Conacri, 1969), Praia: Fundação Amílcar Cabral, 2014”; “Cabo Verde: reflexões e mensagens, Praia: Fundação Amílcar Cabral, 2015”; “Cartas de Amílcar Cabral a Maria Helena: a outra face do homem, Lisboa: Rosa de Porcelana, 2016”; “A luta criou raízes (intervenções, entrevistas, reflexões, artigos - 1964-1973), Praia: Fundação Amílcar Cabral, 2018”; “Itinerários de Amílcar Cabral - Rosa de Porcelana, Praia, 2018”.

Informamos também que existem algumas publicações em português, em formato de

ensaios teóricos, aglutinadas, sistematizadas e publicadas internamente pelo seu partido, PAIGC, como manuais de formação político-cidadã para o despertar da consciência militante e ideológica dos membros do partido. E, ademais, como um conjunto de estratégias que visavam estimular/promover o exercício metodológico sugerido frequentemente por Amílcar Cabral: o de “pensar para melhor agir e agir para melhor (re)pensar”; e, também, “esperar sempre o melhor, mas preparar-se para o pior”.

Dentre essas publicações internas do PAIGC mapeadas por nós, citamos as seguintes obras: "Ensaio sobre a Cultura Nacional e a Luta de Libertação" (1966): neste texto, Cabral explora a interconexão entre cultura, identidade nacional e luta de libertação, destacando a importância de uma cultura autêntica (não essencialista) no processo de independência; "A Estratégia da Luta Armada" (1969): aqui, Cabral delinea sua visão sobre a guerrilha como uma tática fundamental na luta pela independência, apresentando estratégias específicas adotadas pelo PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde); "Revolução na Guiné: Textos Seleccionados" (1974): compilação de escritos abordando a experiência revolucionária na Guiné-Bissau, oferecendo insights sobre a construção de uma sociedade pós-colonial. Todas essas referidas obras encontram-se nos arquivos históricos do PAIGC, na sua sede em Bissau.

Já em relação às produções intelectuais de Amílcar Cabral publicadas em diversas línguas estrangeiras, encontramos as seguintes: *Die Theorie als Waffe*, Berlim: Oberbaumpresse, 1968; *Revolution in Guinea: an African People's Struggle: Selected Texts by Amílcar Cabral*, London: Stage 1, 1969; *The Struggle in Guinea*, - Africa Research Group, Cambridge, Massachusetts, 1969; *Le Pouvoir des Armes*, Cahiers Libres, Paris: François Maspéro, 1970; *GUERRIGLIA: Il Potere Delle Armi - Partisan Edizioni*, 1971; *Our People Are Our Mountains - Amilcar Cabral on the Guinean Revolution - Committee for Freedom in Mozambique, Angola & Guiné - London*, January 1972; *Return to the Source: Selected Speeches*, London: Monthly Review Press, 1973; *Guiné-Bissau: nação africana forjada na luta*, Lisboa: Nova Aurora, 1974; *Die Revolution der Verdammten*, Berlim: Rotbuch Verlag, 1974; *La réalité de notre pays*, Paris: Société d'éditions Afrique, Asie, Amérique latine, 1974; *Die Revolution der Verdammten: der Befreiungskampf in Guinea-Bissau*, Berlin: Rotbuch Verlag, 1974; *Gine'de Devrim Bir Afrika Halkının Kurtuluş Mücadelesi (Révolution en Guinée- Une lute de liberation du peuple africain)*, Ankara: Kitap Yurdu, 1974; *Unité et lutte*, Paris: François Maspero, 1975, 2 vol.

("L'arme de la théorie" et "La pratique révolutionnaire; Unity and Struggle, Portsmouth: Heinemann, 1980; Unité et lutte, Paris: François Maspero, 1980; Cultura y liberación nacional, Mexico: Escuela Nacional de Antropología y Historia, 1981; Unity and Struggle: Speeches and Writings, London: Monthly Review Press, 1989; Unity and Struggle: Speeches and Writings, London: Unisa Press, 2004; Amílcar Cabral: recueil de textes introduit par Carlos Lopes, Genève: CETIM-Association Centre Europe-Tiers Monde, 2013; Resistance and Decolonization, Londres: Rowman and Littlefield International, 2016; Rosa negra, venti poesie per un mondo migliore, Roma: Fefè Editore, 2018; Per una rivoluzione africana. Il ruolo della cultura nella lotta per l'indipendenza; Ombre Corte, Maggio 2019; Ne Faites pas Croire à des Victoires Faciles, Paris: Editions Premiers Matins de Novembre, 2021; Tell No Lies, Claim No Easy Victories; Inkani Books, Oct. 2022.

Conforme referido acima, todas essas citadas obras de Amílcar Cabral, que também servem de base/fonte para as abordagens subsequentes da presente pesquisa, encontram-se disponíveis em sites da internet, nas suas referidas editoras, nos arquivos históricos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) da Guiné-Bissau, na Fundação Mário Soares (Portugal), na Fundação Amílcar Cabral e Biblioteca Nacional que ficam, ambas, na cidade da Praia (Cabo Verde). Além, claro, do já referido arquivo histórico do próprio PAIGC, na sua sede em Bissau¹.

Feito isto, vamos à análise prometida das obras sobre si (Amílcar Cabral) produzidas e os elementos que justificam/fundamentam a nossa afirmação de que os temas ligados aos três eixos que constituem o nosso objeto de pesquisa na presente tese foram/são menos discutidos por esses autores e biógrafos cabralistas.

3. Das obras produzidas sobre a vida e o legado de Amílcar Cabral: entre os aspectos explorados e os que ainda faltam por explorar.

Conforme atesta um dos seus camaradas de luta, Mário Pinto de Andrade (1978), uma figura importante nas estratégias de sistematização e divulgação das produções intelectuais de Amílcar Cabral: “era natural (...) que com a morte do famoso estadista e intelectual africano, biógrafos e outros especialistas investigassem todas as facetas pertinentes da vida pública e particular de Amílcar Cabral” (Andrade, 1978, p.3). Foi justamente na senda desta ideia do

¹ Indicam-se seguidamente alguns recursos na internet que contêm boa parte dessas obras supracitadas de Amílcar Cabral: [Link](#); [Link](#); [Link](#); [Link](#); [Link](#); [Link](#); [Link](#).

intelectual-herói-multifacetado que vem se conjugando a revelação mais ampla de Amílcar Cabral: o engenheiro-cientista-agrônomo; pedagogo da revolução africana; estratega militar; ativista dos direitos humanos; diplomata; e, enfim, o poeta².

Aliás, por falar nisto, é deveras importante lembrar que, diferentemente de Franz Fanon, Kwame Nkrumah, entre muitos outros pensadores panafricanistas, Amílcar Cabral não chegou a escrever um livro “completo” ou “sistematicamente fechado”.

As suas vastas e, aparentemente, intermináveis produções eram/são um conjunto de escritos da juventude (poesias e análises literárias de/sobre Cabo Verde); estudos agrônomos (que, conforme defendemos aqui, constituem o espectro mais denso e também menos debatido das suas produções – reunidos pelos investigadores do INEP em 1988 em torno de mais de setecentas páginas); textos políticos-ideológicos-partidários (informes, relatórios, discussões, diretrizes e problematizações metodológicas acerca do PAIGC e da luta de libertação nacional que, conforme vimos acima, eram na sua maioria de circulação/divulgação interna); seminários de quadros do PAIGC, conferências, comunicações e entrevistas (sejam nas tribunas da ONU, nos fóruns regionais panafricanistas, nos diversos parlamentos dos países parceiros ou potenciais parceiros do PAIGC, congressos e encontros tricontinentais, além daquelas intervenções realizadas tête-à-tête com os cidadãos e militantes das zonas libertadas da Guiné).

Sendo assim, vale evidenciar que quando falamos dos trabalhos intelectuais de Amílcar Cabral publicados, estamos remetendo às publicações que chegaram até nós graças ao esforço e empenho de pessoas como Mario Pinto de Andrade. Que neste caso, após ser outorgado oficialmente pelo PAIGC, no período pós-independência da Guiné-Bissau (1973) e Cabo Verde (1975), selecionou, sistematizou e publicou a maior parte das referidas produções intelectuais de Cabral. Com especial destaque para as duas edições de obras intituladas “Unidade e Luta I: A Arma da Teoria” e “Unidade e Luta II: A Prática Revolucionária” (1977; 1978)³ – que mais tarde se tornariam duas das mais importantes referências acadêmicas sobre a biografia político-intelectual de Amílcar Cabral.

² Por falar em poemas, vale pontuar que, assim como defende Russel G. Hamilton (1984), em “Literatura Africana Literatura Necessária- II”: a projeção da poesia em Cabral foi uma incorporação, consciente ou inconsciente, de uma realidade colonial quase esquecida e que, retrospectivamente, revela suas experiências trágicas e, também, contempla momentos de regozijo apesar dos escombros da época.

³ Cabral, Amílcar – Unidade e Luta I. A Arma da Teoria. Textos coordenados por Mário Pinto de Andrade, Lisboa: Seara Nova, 1978; Cabral, Amílcar – Unidade e Luta II. A Prática Revolucionária. Textos coordenados por Mário Pinto de Andrade, Lisboa: Seara Nova, 1977.

Ou seja, por outras palavras, dos conhecidos biógrafos de Amílcar Cabral, Mario de Andrade, além de ser o pioneiro nesse processo, foi o único a ser cancelado pelo próprio partido de Abel Djassi⁴. Foi-lhe delegado esta responsabilidade por ter sido, segundo uma das atas da reunião do bureau politique do PAIGC, a que tivemos acesso: “um dos africanos que melhor compreendeu como os conceitos cabralistas foram elaborados a partir da sua experiência prática da nossa realidade endógena, dos congressos internacionais e propostas políticas relacionadas à necessidade de reflexão sobre a unidade africana” (PAIGC, 1974, p.04).

Mário Coelho Pinto de Andrade era um importante pensador, ensaísta, ativista político angolano, membro-fundador do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Ele nasceu em Golungo Alto, Angola, no dia 21 de agosto de 1928. Faleceu em Londres, aos 26 de agosto de 1990. Em 1930, mudou-se com os pais para Luanda, onde fez os estudos primários no Seminário de Luanda e concluiu, em 1948, os estudos secundários no Colégio das Beiras. Partiu para Lisboa, nesse mesmo ano, para estudar Filologia Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Juntamente com outros estudantes e intelectuais de países africanos “lusófonos”, como Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Francisco José Tenreiro, criou o Centro de Estudos Africanos, em 1951, com o objetivo de refletir sobre problemáticas importantes de África.

Há, inclusive, um depoimento de Mário Pinto de Andrade sobre as publicações que apresentam as principais ideias que marcaram a vida e obra de Amílcar Cabral. Intitulado “Amílcar Cabral e a re-africanização dos espíritos”, e publicado no jornal público-estatal da Guiné-Bissau, *Nô Pintcha* (1979). É um depoimento contundente em que Andrade enaltecia a satisfação de poder apresentar ao resto do mundo a biografia política do seu “camarada de luta”. Ao mesmo tempo que fornecia também um registro importante sobre as atividades intelectuais e políticas de mobilizações desencadeadas por toda uma geração de estudantes africanos que, após a conclusão dos seus estudos em Lisboa e imbuídos de ideias libertadoras ou de emancipação, deram início aos movimentos de libertação de seus respectivos países sob o jugo colonial português.

É importante fazer saber também que, por outro lado, além de organizar as supracitadas publicações dos textos escritos por Amílcar Cabral (referimo-nos às duas coletâneas de textos e discursos que abrangem diversos aspectos da luta de libertação, desde a mobilização popular até as questões políticas e econômicas para um desenvolvimento sustentável), Mário Pinto de

⁴ Pseudônimo adotado por Amílcar Cabral durante o período da clandestinidade revolucionária.

Andrade escreveu mais tarde uma tese intitulada *Amílcar Cabral: Essai de biographie politique* (1980), na École Pratique des Hautes Études (EHE), em Paris.

Nesta última obra, publicado em formato de livro pela primeira vez em 1982 pela Cambridge University Press, depois lançado em português pela primeira vez em formato de livro de bolso em 1983, cujo título é “O pensamento político de Amílcar Cabral: gênese e desenvolvimento”, Mario Pinto de Andrade conta a história de como Amílcar Cabral, enquanto líder do PAIGC, tornou-se uma das principais figuras em defesa da revolução africana na segunda metade do século XX.

Nesta biografia política, Mario de Andrade mostrou como, em menos de vinte anos de vida política ativa, Cabral liderou os nacionalistas da Guiné e Cabo Verde para o maior sucesso político e militar já alcançado por um movimento político africano contra uma potência colonial. Defendeu que na época da morte de Cabral, em 20 de janeiro de 1973, meses antes da independência da Guiné-Bissau, sua influência já se estendia bem além do mundo “lusófono” e da África. Segundo Andrade (1982),

{...} amigos e inimigos admiravam igualmente sua habilidade política e outras habilidades e viam nele um líder em potencial de um movimento não alinhado. Seus escritos mostraram que ele era um analista sofisticado dos fatores sociais, econômicos e políticos que afetaram e continuam a afetar o mundo em desenvolvimento. Em um momento em que existe um sentimento geral de desesperança em relação ao futuro da África, assim como cinismo em relação às suas elites políticas, é instrutivo lembrar que o continente produziu um líder político da estatura de Cabral (Andrade, 1980, p.5).

A tese de Mario de Andrade (1982) se consolidou como uma referência obrigatória por oferecer, principalmente, uma visão panorâmica das obras fundamentais de Amílcar Cabral e das análises críticas feitas por este sobre algumas teorias sociais – sobretudo marxistas, que formaram e moldaram o seu legado. Cada vertente do pensamento teórico-político de Amílcar Cabral analisado e descrito por Andrade (1983) representa um ponto de entrada para a riqueza do pensamento desse revolucionário africano e da extensão de seu impacto no cenário global das lutas emancipatórias dos povos subjugados.

Contudo, apesar de sua importância e/ou relevância analítica inquestionável sobre a vida e o legado político de Amílcar, destacando-se sobretudo por oferecer subsídios consistentes e que facilitam enormemente o entendimento da questão (ou do fator) cultural dentro da luta armada; do conceito de “Estado-Nação-Classe” a partir dos valores sociais e das cosmologias das sociedades étnicas guineenses e cabo-verdianas, pontos centrais no pensamento de Cabral; apesar de elucidar a antecipação feita por Cabral nos debates sobre a importância crucial do

multiculturalismo e a problemática das narrativas polares sobre o “fim das ideologias” (ANDRADE, 1980: p. 67-83); Mario de Andrade apresentou uma tese que dava mais atenção à formação teórico-política de Amílcar dentro do escopo de seu método de análise, o materialismo histórico, mas sem resgatar a categoria em si e a sua articulação no pensamento de Cabral.

A abordagem adotada por Mario de Andrade (1980) apresenta fortes contornos de relatos, o que prejudicou à postura metódica crítica requerida à análise desse gênero. Ele analisou o pensamento de Cabral como um poderoso vector de referência para as gerações que o conheceram e para as que o sucederam. Porém, limitou-se mais em descrever as ideias cabralinas assentes no marxismo, sem um aprofundamento ou mobilização sistêmica do próprio exercício metodológico cabralino para testar as estruturas dessas análises através de um esforço analítico-crítico-necessário. Método científico esse que Amílcar Cabral, em vida, jamais renunciou a sua utilização durante suas abordagens.

Estamos nos referindo, evidentemente, ao exercício metodológico defendido sempre por Cabral durante suas formulações intelectuais, que passa fundamentalmente por antes de mobilizar qualquer teoria social, inclusive as teorias marxistas, procurar primeiramente desconstruir os vícios que ela carrega e que podem estar associados ao seu contexto de imputação causal. Depois reconstruí-la criticamente, num exercício metodológico profundo, antes de reafirmar (ou questionar) tanto a solidez das suas bases, assim como a sua viabilidade prática nesse contexto outro de sua adaptação.

No caso deste referido método de abordagem adotado por Cabral, é preciso lembrar que mais do que africano, os seus contextos de análises eram Guiné e Cabo Verde. Por fidelidade ao referido método, ele nunca cometeu o deslize de conceber essas duas realidades sociais de forma homogênea. Mesmo ambas pertencendo ao mesmo domínio colonial português. Por isso era contra qualquer tentativa de importação acrítica de modelos teóricos exógenos para os contextos outros, especialmente nos contextos africanos.

Todavia, é importante pontuar que esta dificuldade de problematizar os métodos e as formulações teóricas cabralinas apontada aqui em relação a tese de Andrade, em regra, é uma questão que perpassa muitas obras biográficas sobre Amílcar Cabral e/ou da história do seu partido, PAIGC. Sobretudo as obras daqueles pesquisadores que focaram mais nas formulações cabralinas sobre o conceito da “a arma da teoria” e/ou das “forças produtivas como motor da história” (Wallerstein, 1971; Rabaka, 1972; Blackey, 1974; Rudebeck, 1974, Chabal, 1983; et

al).

Por ora, vale dizer que apesar de começarmos a apresentar os autores que se debruçaram sobre o legado de Amílcar Cabral a partir das obras de Mario Pinto de Andrade – exercício esse que justificamos devido a importância que a sua figura representa enquanto um dos percursores da luta pela independência em África “lusófona”⁵ e, também, testemunho ocular do desabrochar e desenvolvimento do pensamento de Cabral dentro de um quadro macro da história do panafricanismo intelectual – é importante recordar que autores como Basil Davidson (1969; 1974), Reiland Rabaka (1972), Lars Rudebeck (1974) já haviam publicado livros e artigos, anos antes, sobre a guerra colonial na Guiné, onde a figura e/ou os pensamentos de Cabral foram sempre tidos como grandes destaques.

Neste caso particular, vale citar as obras pioneiras de Basil Davidson: "Amílcar Cabral: Revolution in Guinea" (1969); "Our people are our mountains: Amílcar Cabral on the Guinean revolution" (1971); e "A Libertação da Guiné: aspectos de uma revolução africana" (1975). Um conjunto de trabalhos seminais onde o referido autor fornece várias análises detalhadas da vida e da liderança de Cabral, com uma abordagem que contextualiza a importância da sua figura e do seu pensamento no cenário das lutas de libertação em África e no mundo.

Resultado de uma longa pesquisa que se estendeu por décadas e que começou com um ativismo anticolonialista e sua inevitável consequência aos povos subjugados, seguido depois pela euforia que marca as independências africanas, além do fim da Guerra Fria, as obras de Davidson abrangem uma ampla gama de dilemas coloniais e pós-coloniais enfrentados pelo continente africano, especialmente ex-colônias portuguesas. Ele foi um observador participante e testemunho, em primeira pessoa, dos eventos e figuras que sistematizou e documentou nesses seus referidos trabalhos. Suas análises se configuraram perspicaz sobre os desafios enfrentados pelo PAIGC: desde os seus membros comuns até os seus principais líderes, com especial destaque para Amílcar Cabral do qual era amigo próximo.

Davidson optou sempre por fazer uso de narrativas em primeira pessoa que se baseavam em suas experiências nas linhas de frente, tanto literais quanto figurativas. E demonstrou um impressionante domínio da pesquisa histórica e científica social. O trabalho de Davidson é intelectualmente rigoroso e emocionalmente ressonante.

⁵ É importante evidenciar que as aspas empregadas visam informar que não acreditamos no conceito de lusofonia como um espaço e/ou língua comum/única, haja vista que estes países não são necessariamente luso-pensantes e nem luso-falantes.

Movendo-se entre diferentes níveis e modos de narração, ele manobra habilmente o conceito de “escrevivência”,⁶ narrando os momentos dos encontros casuais com alguns lendários líderes africanos do PAIGC que, segundo ele, “desmantelam a aura sobre-humana ao redor deles”(DAVIDSON, 1975, p.68). Enquanto no próximo momento recua para considerar a cena de um ponto de vista estrutural diferente. Uma escrevivência que impressiona mais por sua habilidade em fazê-la parecer natural.

Em "A Libertação da Guiné: aspectos de uma revolução africana" (1974)", considerado por muitos pesquisadores como o seu melhor trabalho sobre a luta de libertação em África, percebe-se muitas das qualidades analíticas de Davidson, assim como alguns de seus excessos.

Concebida como uma obra que traz um olhar interno sobre os primórdios do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), a primeira versão deste livro serviu a dois propósitos: oferecer um relato cativante e simpático da campanha do PAIGC contra o colonialismo português, especialmente o pensamento de seu líder carismático, Amílcar Cabral; e o de fornecer suporte para a contínua luta pela libertação do regime econômico neocolonial, compartilhando os planos e as filosofias bem formulados por Cabral com o mundo. Era, simultaneamente, uma análise estrutural/conjuntural e um apelo à ação em favor da aplicação das ideias de Amílcar pelo seu partido, PAIGC.

É exatamente por possuir essa dimensão de um ativismo jornalístico-acadêmico que entendemos que os trabalhos de Basil Davidson permanecem como um tesouro fascinante para estudiosos interessados na estrutura interna e no comportamento de um dos “grupos armados mais complexos e inclusivos de todos os tempos” (Davidson, 1969, p.3), o PAIGC das décadas de 1960 e 1970.

Baseado em três visitas separadas a território governado pelo PAIGC, vemos as linhas de frente e as zonas libertadas pelos olhos de Davidson. São textos que oferecem insights sobre uma variedade de temas que emergiram e se tornaram centro das preocupações de Amílcar Cabral: os conflitos internos que este tinha que enfrentar dentro do seu próprio partido, além

⁶ A escrevivência é mobilizada enquanto um conceito inaugurado por Conceição Evaristo, escritora e autora dos livros “Ponciá Vicêncio”, “Becos da Memória”, “Olhos D’Água”, também em sua dissertação de mestrado. A Escrevivência propõe a articulação entre o fazer literário e a visão de mundo de quem escreve. Escrever é uma forma de expressão e um ato político. enquanto conceito cunhado pela escritora negra Conceição Evaristo, que segundo a autora “surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por uma coletividade” (Evaristo, 2017).

de outras microdinâmicas da “violência política” (idem); incluindo também as formas como Cabral orientava o partido a mobilizar o apoio popular por meio do estabelecimento de conselhos de governo autônomos e democráticos em vilarejos (zonas libertadas) e as relações entre o PAIGC e países estrangeiros (que o autor denominou de “diplomacia da resistência”).

No entanto, a linha da narrativa que Davidson adotou com seu relato em primeira pessoa sobre a vida atrás das trincheiras do PAIGC gerou um certo desvio da sua ambiciosa função, pelo menos a que ele esperava que seu texto pudesse desempenhar ao apresentar o PAIGC e Amílcar Cabral (que ele admirava claramente) para o mundo “anglófono”.

Davidson pretendia não só apoiar a luta armada desencadeada por Abel Djassi e seus compatriotas, como também colocar as ideias de Cabral e a luta do PAIGC no centro das preocupações políticas da sociedade britânica. Com objetivo de difundir o pensamento de Amílcar e, assim, mobilizar mais apoio local para o seu partido na sua estratégia de desenvolvimento. Apesar de conseguir colocar Cabral em contato com algumas lideranças da esquerda britânica, dada a posição oficial da Inglaterra em relação à colonização portuguesa em África, não conseguiu penetrar os espaços políticos mais amplos e notoriamente expressivos daquele país europeu. Outrossim, suas análises sobre o pensamento de Amílcar Cabral também se configuram incipientes e focados, principalmente, nas formulações cabralinas ligadas às dinâmicas flutuantes da guerra colonial e da estrutura ideológica do PAIGC.

Reiland Rabaka, por outro lado, aborda o pensamento de Cabral em duas obras (1972; 2014). Nelas, o autor indica uma construção da “teoria crítica africana” a partir de Cabral, em uma espécie de “afastamento” do marxismo, com o conceito das “forças produtivas como motor da história” ocupando a parte central do seu argumento. No seu entendimento, a crítica que Cabral apresenta sobre a dinâmica da história vinculada a este conceito se configura numa ruptura com o “marxismo ortodoxo” e, também, com a teoria da Escola de Frankfurt (Rabaka, 2014: p. 163-168).

Num dos capítulos intitulado “Amilcar Cabral: Using the Weapon of Theory to Return to the Source(s) of Revolutionary Decolonization and Revolutionary Re-Africanization”, da sua obra de 1972, Rabaka mobiliza o pensamento de Cabral para mostrar como a teoria crítica contemporânea não deve apenas desafiar a teoria crítica “convencional” a ser mais consciente sobre as questões da raça e do racismo. Mas deve ser capaz de desenvolver, assim como Amílcar teria “delineado no seu afastamento do marxismo ortodoxo”, um compromisso mais profundo

com a justiça de gênero e a libertação das mulheres, preocupar-se com o colonialismo (especialmente o colonialismo racial) e suas interconexões com o capitalismo (especialmente o capitalismo racista).

As formulações de Amílcar Cabral representariam, para Rabaka (1972; 2014), a necessidade de constantemente desconstruir e reconstruir a teoria social crítica para abordar as necessidades específicas dos "novos tempos" – fazendo recurso a uma das expressões icônicas de Stuart Hall (S. Hall, 1996a).

Vale mencionar também que Jock McCulloch (1983), mais tarde, vai apresentar um entendimento similar ao de Rabaka (1972) sobre a relação metodológica de Amílcar Cabral com os pensamentos marxistas contemporâneos. Na sua obra intitulada "In the twilight of Revolution: the political theory of Amilcar Cabral" (1983), num dos capítulos específicos, McCulloch recupera o debate sobre o conceito de "forças produtivas como motor da história" em contraposição à "luta de classes como motor da história".

Foi daí que ele chega à conclusão de que Cabral não precisou mobilizar o marxismo para analisar a realidade da Guiné. Ele sustenta essa sua postura analítica com base na leitura feita por Cabral sobre a mudança do "motor da história" da luta de classes para o desenvolvimento das forças produtivas; além de outras aparentes disparidades, segundo o autor, de discussões sobre alguns termos dentro do próprio pensamento de Cabral, que fazem deste um pensador original e não um marxista (vide MCCULLOCH, 1983: p. 100-110).

Entretanto, apesar da aparente controvérsia que este debate tem suscitado – o que significa que a identidade ideológica de Amílcar Cabral é percebida de formas distintas pela literatura especializada, entendemos que é preciso esclarecer que a nossa concepção se apresenta mais como um processo do que como um dado definitivo.

Ou seja, é inegável que ao estabelecer uma perspectiva de "crítica genética", percebe-se nitidamente que a genialidade analítica de Amílcar Cabral assenta-se mais na capacidade que demonstrou em deslocar e ampliar o pensamento marxiano. Isto significa que os métodos e modelos teóricos marxianos constituem inequivocamente a base ideológica de Cabral, mas num processo que evolui interagindo com as diferentes situações de vida pelas quais Amílcar (o engenheiro e o revolucionário) foi passando.

Aqui, destacamos que a sua originalidade cinge no exercício metodológico de não aceitação da importação acrítica de modelos teóricos exógenos para um contexto outro. O que

não implica fundamentalmente a rejeição automática desses referidos modelos teóricos, inclusive do marxismo. Aliás, ele dizia que enquanto africano(a)s, precisamos sempre andar com os nossos próprios pés e guiados pelas nossas cabeças, mas sem rejeitar aquilo que a humanidade construiu em termos de conhecimento (Cabral, 1979).

Lars Rudebeck, por outro lado, no trabalho denominado “Guinea-Bissau: a study of political mobilization” (1974), oferece-nos uma leitura analítica da guerra colonial que se destaca, de maneira inquestionável, não apenas por sua rigorosidade científica, mas também pelo seu recorte literário notável que serve como estímulo envolvente para todos aqueles que se dedicam ao estudo da história emancipatória da Guiné-Bissau e Cabo Verde “sob a sábia liderança de Cabral” (Rudebeck, 1974, p.11).

A ideia central de Rudebeck é ilustrar não apenas os desafios práticos e as conquistas históricas do PAIGC, mediante a metodologia intelectual de Cabral, mas também desmistificar a forma como Amílcar pretendia combinar dois objetivos na forma de atuação do seu partido: a participação popular democrática e a eficiência organizacional para o desenvolvimento (Rudebeck, 1974).

No entanto, assim como os seus antecessores, Rudebeck não conseguiu abordar os pensamentos mais técnicos do engenheiro agrônomo Amílcar Cabral. O que aponta para uma lacuna na compreensão de sua obra, especialmente no que diz respeito aos aspectos específicos relacionados à sua formação como engenheiro agrônomo. Isso sugere que, embora haja análises e estudos sobre Cabral, alguns aspectos mais técnicos de suas ideias, relacionados à agricultura ou a outras dimensões de sua formação acadêmica, tenham sido sub-representados ou menos explorados por esses referidos estudiosos.

Por último, ainda dentro desse quadro das primeiras biografias políticas lançadas sobre a vida e o legado de Amílcar Cabral e/ou do PAIGC, em 1983 foi publicada aquela que, provavelmente, passaria a ser caracterizada como uma das mais relevantes obras de Patrick Chabal sobre a vida e a morte de Cabral. Falamos da famigerada obra cujo título dado por ele foi “Amílcar Cabral. Revolutionary Leadership and people’s war” (1983). Uma biografia abrangente que examina a vida pessoal e política de Cabral, traçando seu desenvolvimento desde os primeiros anos até seu trágico assassinato em 20 de janeiro de 1973.

A posição deste autor, que contamos aprofundar aqui, foi a de categorizar Cabral como um revolucionário nacionalista, pragmático e, acima de tudo, humanista. Este historiador

britânico nega, portanto, qualquer vinculação mais profunda de Cabral com o marxismo. Segundo faz crer Patrick Chabal (1983), a utilização dos conceitos marxistas por parte de Cabral, principalmente em seus primeiros textos, ainda como engenheiro agrônomo, revelava-se “rude”, “simplista”, com ares mesmo “incertos” e de forma “ingênua”. Os textos agrônomos de Cabral, ao invés de revelar já importantes hierarquizações na construção do arcabouço conceitual do revolucionário africano, indicariam, para Chabal, “um marxismo ortodoxo e estagnado” (CHABAL, 1983: p. 51).

Trabalho esse que, conforme vimos acima, das biografias político-intelectuais de Amílcar Cabral, parece ter sido um pouco mais ousado que os demais da época. Chabal (1983) ampliou o estudo das ideias cabralinas e foi um dos poucos a analisar com um certo rigor acadêmico as formulações de Amílcar Cabral em relação a agricultura guineense e a transição agrária em Cabo Verde.

Nesta publicação, resultado da sua tese de doutorado, defendida na Universidade de Cambridge em 1980 – e que acabou por se tornar uma obra de referência, Chabal (1983) buscava transcender as numerosas análises sobre o pensamento de Amílcar Cabral. Que, em sua maioria, segundo faz crer o autor, não passavam de meros reescritos de suas ideias. Isto apesar da ressalva feita por ele de que suas análises, de maneira geral, não dispensam o leitor do necessário exercício de ler diretamente os textos produzidos por Amílcar Cabral e publicados por Mario de Andrade e/ou dos outros biógrafos.

Chabal (1983) estava, na verdade, assumindo implicitamente uma crítica ao caráter descritivo que os trabalhos de autores como Mario Pinto de Andrade, Lars Rudebeck, Basil Davidson, entre outros, apresentavam sobre a vida e o legado de Amílcar Cabral e do seu partido, PAIGC.

A linha de investigação delineada por Chabal (1983) parte do reconhecimento de que o PAIGC conduziu uma experiência singular dentro da África Sulsariana contemporânea. Isso se evidencia tanto no grau notável de apoio popular obtido, especialmente junto ao campesinato e outros grupos sociais, quanto no fato marcante de ser um dos poucos partidos africanos a alcançar a independência por meio de uma guerra popular prolongada, resultando, efetivamente, na derrota militar de uma potência colonial.

Nesse contexto, o autor busca analisar de que maneira e por meio de quais estratégias a liderança de Amílcar Cabral pode explicar o sucesso da luta armada, as formas pelas quais o

PAIGC estabeleceu novas estruturas sociais nas regiões libertadas e ainda a capacidade da organização em definir uma linha política embasada numa busca sistemática por legitimidade popular.

Apesar de sua análise se restringir ao período coincidente com a vida de Amílcar Cabral, não abordando diretamente a sociedade pós-colonial, Chabal (1983) também investiga de que maneira as estruturas então criadas configuram e influenciam a sociedade pós-colonial. No seu capítulo conclusivo, encontramos algumas sugestões discretas sobre alguns aspectos que, eventualmente, podem ser considerados para avaliar e confrontar a sua profundidade analítica com as de autores que lhe antecederam nesse processo de problematização e divulgação do pensamento de Amílcar Cabral.

Partindo do entendimento de que o processo histórico contemporâneo da Guiné-Bissau dificilmente pode ser compreendido sem uma clara e explícita referência a Amílcar Cabral, Chabal (1983) busca validar a hipótese de que o sucesso alcançado pelo PAIGC se deveu, em grande medida, à atuação do seu líder, tanto no âmbito teórico quanto prático.

A obra de Chabal (1983) busca explicitamente apresentar uma biografia política de Amílcar Cabral, apesar de fundamentada em uma investigação histórica sobre o desenvolvimento do nacionalismo na Guiné. Aliás, importa dizer que para Patrick Chabal, o desenvolvimento de nacionalismo na Guiné se entrelaça em grande parte com a trajetória política do líder do PAIGC.

É nesse sentido que entendemos que o projeto de pesquisa de Patrick Chabal, embora ambicioso em sua concepção, acaba por apresentar resultados um tanto controversos afastando-se dos objetivos inicialmente propostos pelo autor.

É preciso compreender que, embora a hipótese de Chabal seja sugestiva e pertinente, não se tratava de uma abordagem original. A execução pouco imaginativa dessa hipótese obscurece dimensões fundamentais do processo da luta de libertação na Guiné, limitando por um lado a compreensão do complexo processo de resistência travado por vários grupos étnicos e seus líderes tradicionais, enquanto uma das formas clássicas de afirmação duma identidade ou de um nacionalismo particular. Algo que depois, inclusive, servirá de engrenagem para as estratégias de mobilização adotadas por Amílcar Cabral e seus camaradas de luta⁷. Assim como

⁷ É importante esclarecer que estamos nos referindo às resistências que os grupos étnicos sempre travaram contra os colonialistas portugueses que mais tarde vai provocar o desencadeamento das campanhas de pacificação que o governo português tentou implementar com forma de subjugar “os rebeldes”. E dentre as quais, destacamos a

limita também, por outro lado, o próprio entendimento da complexa evolução da ideologia e práxis política tanto do partido (PAIGC) quanto do seu líder (Amílcar Cabral).

A estrutura formal da tese de Patrick Chabal está desdobrada em três níveis, e o autor busca, em todos eles, articular a relação entre os objetivos delineados por Cabral e o contexto em que atuou. Aliás, esse entendimento do autor ficou muito evidente logo no primeiro nível, correspondente aos dois capítulos iniciais - "Colonial Rule in Guinea and Cape Verde" e "Amílcar Cabral: Formative Influences (1929-1959)", onde Chabal procurou oferecer uma contextualização histórica. Aqui, o seu esforço visava enquadrar sua análise, tanto no que diz respeito às modalidades assumidas pela dominação colonial, quanto no que concerne ao início da trajetória de vida de Cabral. Dessa forma, para Chabal, tudo se resume às características intrínsecas da personalidade de Cabral, destacando-se seu humanismo, espírito de justiça social e pragmatismo na abordagem dos problemas (Frederico, 1986).

O problema disso tudo é que, na tese de Chabal, os demais participantes em todo o processo da luta de libertação são frequentemente subestimados, sendo convocados apenas para análises acessórias e conjunturais. Em última análise, Chabal transmite uma ideia de que o PAIGC se resume exclusivamente a Amílcar Cabral. Embora seja verdade que a produção teórica de outros quadros e membros do PAIGC seja limitada, isso não implica uma ausência de polêmicas, pontos de vista discordantes, abordagens distintas e formas diversas de observação e equacionamento dos problemas. Inclusive, ao realizar uma análise minuciosa de alguns documentos tanto do partido, PAIGC, quanto do seu líder, Amílcar Cabral, percebe-se que tais divergências não deixaram de se refletir nos textos produzidos e publicados (Frederico, 1986).

Por outro lado, conforme enunciado, é preciso reconhecer que Chabal foi um dos poucos biógrafos dessa fase inicial a se debruçar com alguma profundidade sobre os escritos de Amílcar Cabral relacionados à transição agrária em África, especialmente da Guiné e Cabo Verde.

No entanto, ao analisar os artigos técnicos de Amílcar Cabral sobre a agricultura guineense (vide pp. 85-88), apesar de compreender de maneira clara a tese ali defendida, a qual sustenta que os problemas na agricultura da ex-colônia Bissau-guineense se originaram e desenvolveram em condições sociais *suis generis* - especialmente aquelas decorrentes do tipo de

liderança da rainha Okinka Pampa no arquipélago dos bijagós; do rei dos Pepel no reino de Biombo; N'fali Sonko, rei dos Beafadas etc.

exploração econômica imposta ao campesinato, Chabal não conseguiu perceber que aquela exploração estava longe de ser insignificante, como ele parece sugerir (Frederico, 1986).

Na verdade, faltou-lhe uma compreensão e interpretação clara de uma das passagens de “Estudos Agrários” de Amílcar Cabral, em que Cabral afirmara que a colonização portuguesa não conseguiu penetrar a realidade viva da Guiné ao ponto de transformar as estruturas agrárias do país. E que pelo fato de o camponês guineense não possuir “um contato efetivo com o colonizador, a não ser pela obrigação de pagar impostos” (Cabral, 1956, p.4), fez com que o campesinato fosse poupado da brutalidade da exploração de mão de obra local (trabalho escravo) para as atividades de cultivo, construções de estradas e pontes – assim como parecia ocorrer em realidades coloniais de Cabo Verde, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe etc.

Ainda que na Guiné-Bissau não tenha ocorrido um uso massivo de formas de trabalho forçado e expropriação de terras, como observou Cabral, é essencial notar que a construção de estradas, pontes e demais infraestruturas até a década de 1970 estava fundamentada no recrutamento compulsório de trabalhadores nacionais/guineenses. Tal prática era claramente estabelecida na legislação colonial, por meio do chamado 'imposto braçal', de caráter obrigatório. Mesmo que essas infraestruturas fossem inicialmente precárias, havia a necessidade recorrente de sua reparação após cada estação de chuvas, o que, por conseguinte, demandava a mobilização coercitiva periódica de trabalhadores (Frederico, 1986).

Outro ponto relevante, mas que foi ignorado por Chabal e que oferecia uma pista importante (a ser observado e aprofundado no próximo capítulo da presente pesquisa) é o fato do próprio Cabral reconhecer que num período curto da dominação colonial portuguesa na Guiné, a produção e exportação de amendoim foi multiplicada por aproximadamente quatro vezes. E, mesmo assim, os camponeses guineenses ainda continuavam pobres e à mercê das consequências do atraso imposto pelo colonialismo português da época. Questão esta que, por si só, denuncia explicitamente a exploração de trabalho de que o campesinato guineense era submetido.

No caso acima referenciado, ele se apoiou numa das passagens em que, na verdade, Amílcar Cabral estava afirmando que apesar dos colonialistas portugueses não terem se apropriado de terras guineenses e/ou transformar as relações agrárias locais, conseguiram o êxito extraordinário de inventar mecanismos de controle socioeconômico eficientes – mantendo a agricultura local sucateada, os camponeses empobrecidos e dependentes da própria estrutura

colonial. O que é totalmente diferente de dizer que o colonialismo português tenha sido brando no quesito agrário guineense, assim como faz parecer, implicitamente, o biógrafo Patrick Chabal.

Outro aspecto relevante que poderia ter merecido uma análise mais aprofundada por parte de Chabal seria o entendimento das condições "objetivas" que possibilitaram tal situação de sucateamento da agricultura guineense, porém o autor se esquivou desse aprofundamento.

Insta salientar que um dos aspectos mais marcantes do PAIGC, enquanto partido revolucionário, foi a conquista de um considerável apoio popular, especialmente nas regiões sul do país (Catió e Tombali), desde os primeiros momentos da luta. Este fato, por si só, demanda uma abordagem metódica profunda, uma vez que a mobilização de populações camponesas para uma guerra popular apresenta desafios intrínsecos.

E se tudo estivesse aparentemente bem, se o campesinato não fosse impactado e submetido àquela carga pesada da violência colonial, conforme fez parecer Chabal (1983), por que os camponeses guineenses aceitariam abraçar a ideia de uma longa luta armada e deixar o conforto da sua situação colonial menos dramática, comparado às outras realidades?

É importante pontuar que Cabral, por outro lado, percebeu a importância de abordar teoricamente esse tema, inclusive distinguindo-se das ideias de Franz Fanon quanto ao potencial revolucionário do campesinato. A distinção que ele propõe entre o campesinato como força revolucionária e como força física tinha como objetivo enfrentar os desafios encontrados pelo partido, PAIGC, na mobilização política das massas rurais. Essa questão, por si só, demanda uma investigação independente. Algo que estava longe dos objetivos da obra de Chabal, por isso a sua conclusão simplória neste sentido.

Ao argumentar que Cabral não pode ser considerado um teórico marxista, embora reconheça que o marxismo o tenha influenciado metodologicamente, Chabal restringe a compreensão da complexidade de seu pensamento, enfraquecendo, em última análise, seu próprio texto. Cabral, de fato, não se enquadra estritamente como um teórico marxista no sentido acadêmico e clássico do termo. Sua originalidade, especialmente no contexto africano, reforçamos, reside no exercício metodológico criativo de aplicar o enfoque marxista, buscando superar, com brilhantismo, a visão eurocêntrica dessa teoria social.

Em suma, vale dizer que embora Chabal tenha apresentado uma bibliografia extensa e uma discussão mais robusta que os seus antecessores, acaba por omitir, no entanto, a análise de diferentes interpretações e argumentos relacionados a eventos controversos ou pouco

esclarecidos no pensamento de Amílcar Cabral, limitando-se a mencionar sua existência. No âmbito da sua análise dos escritos agrônomos mais técnicos de Amílcar Cabral, apresentou fortes contornos de dificuldades em não conseguir interpretar com clareza os avanços e os limites das formulações cabralinas. Não conseguiu, sobretudo, compreender a profunda heterogeneidade que caracteriza o campesinato da Guiné, assim como em outros países africanos, cujas tradições e formas de organização social se diferenciam substancialmente.

Nesse contexto, vale pontuar que Chabal (1983) não conseguiu perceber que a principal preocupação de Cabral residia em analisar a diversidade das sociedades guineense e caboverdiana, evitando ser limitado por modelos teóricos transpostos de maneira acrítica. Não obstante as restrições que destacamos na análise de Chabal, reiteramos que ele apresenta uma obra de referência essencial para a compreensão tanto dessa personalidade ímpar da África contemporânea, Amílcar Cabral, quanto da história do PAIGC.

Aliás, regra geral, independentemente da diversidade dos seus focos de análises fundamentais para o entendimento das ideias chave de Amílcar Cabral, tanto os trabalhos pioneiros de Mario de Andrade (1978, 1979, 1980, 1983), assim como os de Davidson (1969), Rudebeck (1974), Chabal (1980, 1983, 1989), para fechar, são obras que proporcionam uma visão significativa sobre o seu envolvimento político-ideológico na luta pela independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde. Sendo não apenas notáveis em si mesmas, mas também escritas por autores que compartilharam ou a vivência da referida luta de libertação ou a experiência dos desafios que o PAIGC enfrentou no período pós-independência. Essas obras não apenas perduram como peças únicas, mas também se mantêm como fontes inesgotáveis de conjecturas e sugestões para pesquisas científicas contemporâneas.

Também não podemos perder de vista o fato de que boa parte de tais análises foram realizadas em condições extremamente adversas no que tange a obtenção e análise dos dados de forma objetiva. Isto é, além dos autores que tiveram que enfrentar a constante ameaça de um exército colonial de dimensões desproporcionadas, como nos casos de Davidson (1969) e Rudebeck (1974); os demais tiveram que lidar, principalmente os autores como Andrade (1980) e Chabal (1983), com as dificuldades metodológicas inerentes às abordagens de eventos/fenômenos em observação ainda em curso.

Porém, como os seus enfoques acabaram recaindo mais sobre a necessidade inegável de apresentar as ideias de Cabral para o mundo, não conseguiram problematizar

consistentemente todas as suas formulações analíticas (sobretudo as mais técnicas) ao ponto de testar sua validade para os desafios que a África enfrenta(va) no período pós independência. Ao dizer isto, é preciso enfatizar mais uma vez que não pretendemos passar uma ideia de que os supracitados autores não tenham abordado essas referidas questões.

O esforço aqui empreendido visa demonstrar que esses supramencionados estudos biográficos iniciais não conseguiram dar conta de aprofundar muitas outras dimensões de abordagens que constituem o vasto pensamento de Amílcar Cabral.

E já que não deram conta desses temas outros, tratados por Amílcar Cabral, fica aqui um convite aos pesquisadores brasileiros para contribuírem neste exercício necessário de ampliação do estudo de pensamento panafricanista cabralino. Sobretudo no que concerne a necessidade de um reexame das suas propostas intelectuais nos domínios agrário, ecológico ou da relação antropoceno versus capitaloceno e da relação de gênero em África.

Os estudos iniciais biográficos sobre Amílcar Cabral, conforme vimos, deram pistas importantes sobre o vasto ecossistema intelectual deixado por ele. Resta agora aos novos pesquisadores descortinar esse vasto corpo teórico deixado por Cabral, o intelectual, a fim de aprofundar e atualizar essas e demais abordagens cabralinas nos debates contemporâneos. Testando, desse modo, a sua validade ou suas limitações perante os nossos desafios de desenvolvimento sustentável da presente época.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Mário Pinto de. *Cultura Negro-Africano e Assimilação*. Lisboa: Fundação Mário Soares, 1958.

ANDRADE, Mario Pinto de; CRUZ, Viriato da; LARA, Lúcio. *Message*. Lisboa: Fundação Mário Soares, 1959.

ANDRADE, Mario Pinto de; CABRAL, Amílcar. *‘ Afrique et la Lutte de Libération Nationale dans les Colonies Portugaises*. Lisboa: Fundação Mário Soares, 1966.

BLACKKEY, Robert. Fanon and Cabral, a contrast in theories of revolution for Africa. In: *The Journal of Modern African Studies*, Vol. 12, No. 2, 1974, p. 191-209.

CABRAL, Amílcar. *Estudos agrários*. 1956. *Boletim de Propaganda e Informação*, nº 39, p. 16-32.

CHABAL, Patrick - *Amílcar Cabral, revolutionary leadership war*. Londres: Hurst& Company, 2002.

DAVIDSON, Basil. *A libertação da Guiné, Aspectos de uma revolução africana*. Lisboa: Sá da Costa, 1975.

DAVIDSON, Basil. *Amílcar Cabral: Revolution in Guinea*. Monthly Review Press, 1969

DAVIDSON, Basil. *Our People Are Our Mountains: Amílcar Cabral on the Guinean Revolution*. Monthly Review Press, 1971

MCCULLOCH, Jock. *In the twilight of the revolution: the political theory of Amilcar Cabral*. Nova York: Routledge, 1983.

P.A.I.G.C. - *Manual Político*. Porto: Afrontamento, 1974.

PAIGC. *Historia da Guiné e ilhas de Cabo Verde*. Porto: Ed. Afrontamento, 1974.

RABAKA, Reiland. *Reconstructing the black radical tradition, from W. E. Du Bois and C.L.R James to Frantz Fanon and Amílcar Cabral*. 1972. Lexington books.

RABAKA, Reiland. *Concepts of Cabralism: Amilcar Cabral and Africana Critical Theory*. Londres: Lexington Books, 2014
RUDEBECK, Lars. *Guinea-Bissau. A Study of political Mobilisation*. Upsala, The Scandinavian Institute of African Studies, 1974.

RUDEBECK, Lars. *Problemes de pouvoir populaire et de development. Transition difficile em Guinée-Bissau*. Upsala, Scantianavian Institute of African Studies, 1988.

SILVEIRA, Joel Frederico de. *Amílcar Cabral enquanto líder revolucionário*. In: *Revista Internacional de Estudos Africanos / dir. Jill R. Dias. - Lisboa : Jill R. Dias. - N° 2 (1984), p. 165-175*

Wallerstein, Immanuel. "Amilcar Cabral and the Theory of the National Bourgeoisie." *Journal of Modern African Studies* 9, no. 4 (1971): 505-524

Sobre a autora:

Rubilson Velho Delcano: Atualmente é professor substituto de Antropologia na Universidade Federal do Maranhão, lotado no Departamento de Antropologia e Sociologia - DESOC/UFMA; Foi professor temporário do Instituto da Educação Santa Clara (IESC- TUNTUM/MA); Foi professor substituto na Faculdade Estácio em Salvador (BA); Ex-professor do COLÉGIO ESTADUAL DAVID MENDES PEREIRA (BA); Doutorando em Economia Política Mundial pela Universidade Federal do ABC (EPM-UFABC); Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), lotado na linha de pesquisa sobre Democracia, Estado e Movimentos Sociais para os Direitos Humanos; Bacharel em Ciências Humanas (com ênfase em Antropologia cultural) pela Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); Pesquisa sobre as políticas públicas, pensamento e cultura afro-brasileira; economia política, desenvolvimento endógeno, trajetórias e inserção da África na economia política global, divisão internacional do trabalho, reforma/transição agrária, direitos humanos com ênfase em direitos e fluxos migratórios dos povos originários/indígenas e estratégias de integração migratória;

Milca Salem dos Santos Silva: Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão (PPGHis-UFMA). Graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Atualmente é professora de História vinculada a SEDUC-MA e desenvolve pesquisas sobre História da África, com ênfase em História da África do Sul, Cinema, Zulus e Apartheid.

Artigo recebido para publicação em: 28 de janeiro de 2024.

Artigo aprovado para publicação em: 27 de maio de 2024.

Como citar:

DELCANO, Rubilson Velho, SILVA, Milca Salem dos Santos. Trilhando a história intelectual: um mapeamento das produções científicas de Amílcar Cabral e análise de suas primeiras biografias. *Revista Transversos*. Dossiê: Intelectuais, movimento negro e antirracismo no século XX. Rio de Janeiro, n.º. 30, 2024. pp. 115-137. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/81601>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2024.81601

